

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA
THAIS DOS SANTOS MOREIRA

JORNALISMO CULTURAL:
OS GÊNEROS TEXTUAIS PRESENTES NO JORNAL O PASQUIM EM 1969

Juiz de Fora
2019

THAIS DOS SANTOS MOREIRA

JORNALISMO CULTURAL:
OS GÊNEROS TEXTUAIS PRESENTES NO JORNAL O PASQUIM EM 1969

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Ms. Gustavo Burla.

Juiz de Fora

2019

MOREIRA, Thais dos Santos. Título: **Jornalismo Cultural**: Os gêneros textuais presentes no jornal O Pasquim em 1969. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso Graduação em Jornalismo, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, realizada no 2º semestre de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms Gustavo Burla

Prof. Dr Marise Baesso

Prof. Ms Júlia Pessôa

Examinado em: / /

Conceito: _____

AGRADECIMENTOS

A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória da vida acadêmica e me ajudaram a chegar até o final dessa graduação. Os ensinamentos foram essenciais para construir toda a bagagem até agora. Agradeço por todo o apoio que tive em cada período nesses anos.

RESUMO

MOREIRA, Thais dos Santos. **Jornalismo Cultural:** Os gêneros textuais presentes no jornal O Pasquim 1969. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

O jornalismo cultural surgiu através da literatura, quando se produziam os folhetins. A primeira forma de escrever essa prática jornalística era o texto crítico feito por nomes da literatura. Devido à evolução das cidades e da sociedade, os conteúdos publicados se diversificaram passando a não ser só críticas literárias, mas também dicas sobre comportamento e moda. E, para entender esse modo do jornalismo, é importante compreender o que é cultura. Nem tudo o que pertence ao meio cultural é jornalismo cultural. Este trabalho tem como objeto de análise o jornal O Pasquim de 1969, busca verificar nas seleções de textos dos primeiros exemplares os gêneros textuais opinativos, através do método bibliográfico para a compreensão do que faz parte da editoria de cultura. O estudo é feito a partir da breve história dessa prática do jornalismo, passando para entender quais gêneros compõem e a importância da definição do que faz parte do jornalismo cultural. A história do jornal O Pasquim faz parte da análise para compreender que o semanário usava a cultura e produzia conteúdos culturais, mesmo que não fosse jornalismo cultural, para enganar a censura.

Palavras-chave: Cultura. Jornalismo Cultural. Pasquim.

ABSTRACT

The cultural journalism appear through of literature, when other produce the leaflets. The first way of write that journalistic was the critical text created by names of literature. Due the evolution od cities and society, the contents published other diversified not being only criticism literary, but also trips about behavior and fashion. And to understand this mode jornalism is important understand whats is culture. Not everything what belongs to the cultural milieu is cultural jornalism. This assignment has as its object of analysis the newspaper O Pasquim of 1969, search check in selections of texts of firts copies the opinionated textual genres, through the bibliographic method for understanding what is part of the culture editorial. The study is made from soon story that practice jornalism, transfer for understand what genres they're part and the important of definition what is parto of cultural jornalism. The story og newspaper O Pasquim is part of the analysis to understand of the weekly wore the culture and produced contents cultural, even not was cultural jornalism, to lie the censorship.

Keywords: Culture. Cultural Jornalism. Pasquim.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Gêneros textuais presentes no jornal O Pasquim	27
--	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Desenho de Ziraldo na primeira edição do Pasquim	31
FIGURA 2 - Pedido da carta de Claudius ao Pasquim	33
FIGURA 3 – Charge feita por Henfil sobre a pílula anticoncepcional	36
FIGURA 4 – Capa da primeira edição de 1969 do Pasquim	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 HISTÓRIA DO JORNALISMO CULTURAL	12
3 JORNALISMO CULTURAL E GÊNEROS TEXTUAIS OPINATIVOS	16
4 HISTÓRIA DO JORNAL PASQUIM	23
5 ANÁLISE DO JORNAL PASQUIM	27
6 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo cultural é um segmento que tem como objetivo publicar sobre as produções culturais que existem em uma sociedade. Nelas são incluídos assuntos de áreas como literatura, artes visuais, cinema, música, teatro, gastronomia e moda. É uma área jornalística que tende a mostrar e revelar produtos do meio artístico para o público. Além disso, também são incluídos nesse meio alguns textos que fazem parte da literatura, por exemplo crônica e até mesmo a crítica artística.

A produção jornalística cultural tem a visibilidade a partir do momento do desenvolvimento dos grandes centros e assim começando com publicações do ramo da literatura. E com o surgimento dessa forma de jornalismo, a revista *The Spector* foi uma das iniciantes para se tratar de aspectos culturais de uma sociedade. No começo o que tinha como temática eram questões de comportamento para a população.

O texto crítico foi um dos precursores do jornalismo cultural. No Brasil teve início a partir do século 19, com produções literárias de Machado de Assis (1839-1908), com os ensaios. Esse segmento vem para mostrar uma linguagem nova no modo de fazer jornalismo com temas restritos ao ambiente das artes.

O estilo crítico é usado muitas vezes por jornalistas do meio cultural, sendo formas de escrever sobre algum filme, por exemplo. A função de quem as constrói é como se fosse a de um 'juiz'. Esse gênero para falar e mostrar a parte da parte foi "a primeira prática do jornalismo cultural a se evidenciar, tendo permanecido durante muito tempo como eixo central do segmento" (ROSSETTI, 2015, p.2).

Esta pesquisa tem como tema a da produção jornalística da área cultural, a qual proporciona textos com informações sobre produtos culturais e artísticos. Assim, tratar desse segmento do jornalismo no momento da ditadura militar no Brasil, através do jornal que tratava com críticas da sociedade do momento e também sobre a cultura do país, **O Pasquim**.

Ao refletir sobre o tema, busca-se compreender como nasceu o jornalismo cultural com suas primeiras produções. E também se procura entender as classificações dos gêneros textuais do modo opinião e entender como fazem parte da forma jornalística ligada à cultura. E assim, buscar repostas para o fenômeno estudado dentro do jornalismo.

O objeto de estudo foi criado no ano de 1969, um ano depois da promulgação do Ato Institucional 5 (AI-5). Para o período, o jornal trouxe uma nova linguagem, por

tratar de questões socioculturais e criticarem a forma com que o governo conduzia o Brasil. Além disso, os criadores do tabloide tiveram a importância de escrever sobre a sociedade da década de 60 e enganar a censura do Regime Militar.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa e a busca do entendimento do jornalismo cultural em que se sustenta a partir de fundamentos teórico-metodológicos da área do jornalismo, sobretudo no que tange a análise do que faz parte do jornalismo cultural, bem como os gêneros textuais, contribuindo com a análise do que era vinculado no semanário.

Leva-se em consideração que mesmo o **Pasquim** colocando em suas publicações assuntos que pertencem à área da cultural, as produções de textos feitos pelos criadores possivelmente podem fazer parte do jornalismo cultural no momento da ditadura militar.

E é importante entender o conceito sobre o que é a cultura no seu modo antropológico e com isso entender a definição e a história da área do jornalismo que tem como objetivo falar sobre produtos culturais. A história da formação do **Pasquim** também é colocada para ser estudada com os textos publicados nos primeiros exemplares, os do ano de 1969.

O problema dessa pesquisa consiste em compreender se existe o jornalismo cultural no feito jornalístico do tabloide criado para barrar a censura da ditadura, considerando seu jeito e forma de usar a ironia para escrever sobre temas que eram tabus no final da década de 60.

A importância desta pesquisa reside no fato de possibilitar a compreensão dos assuntos vinculados no jornalismo cultural no momento da ditadura militar, se tudo o que era colocado no jornal faz parte do que é considerado uma produção jornalística do meio cultural ou apenas temas que pertencem à cultura, mas não são necessariamente jornalismo.

A relevância deste estudo para área do jornalismo apresenta-se na análise de como são as produções do jornalismo cultural, que normalmente escrevem textos sobre os produtos da indústria cultural e, assim, aplicar no momento da ditadura militar no Brasil. “A indústria cultural fixa de maneira exemplar a derrocada da cultura, a sua queda na mercadoria” (MATTELART, 2009, p. 78).

A linha de pesquisa Comunicação e Mediação é coerente com o tema investigado, pois a cultura faz parte do cotidiano que apresenta as formas de comportamento de grupos de uma sociedade. E as mídias, especificamente o objeto

em estudo, tratava sobre momentos do governo que a população através dos meios da cultura.

O estudo consiste sobre o conceito do jornalismo cultural e como ele se constrói através do veículo de comunicação **Pasquim**. Sendo pesquisado e a história do jornalismo cultural e do tabloide, passando para a definição dos gêneros textuais que fazem parte do jornalismo cultural e por fim, aplicando nos exemplares do semanário do primeiro ano.

O conceito do jornalismo cultural e dos gêneros textuais pertencentes a essa prática no jornal **Pasquim**, o uso disso, fazem parte da análise das formas da escrita dos textos com críticas ao governo ditatorial e como burlavam a censura usando momentos da cultura para escrever sobre temas que eram tabus.

E essa pesquisa foi feita fundamentada através do uso da metodologia com as teorias e embasada nas leituras que fazem a definição do tema, isso para que a análise alcance o objetivo de provação sobre a existência do jornalismo cultural no jornal **Pasquim**.

A monografia está estruturada em quatro capítulos. O primeiro apresenta a história do jornalismo cultural com apontamentos teóricos sobre o nascimento dessa área jornalística, além de também conceituar o geral do que é cultura para uma sociedade, para melhor entender as coberturas feitas por jornalistas do meio cultural. O capítulo traz também um pouco de como é esse segmento na atualidade.

O segundo capítulo busca definir o que faz um texto ser jornalismo cultural e também os gêneros opinativos, dando importância aos que são mais ligados à prática jornalística da cultura. Para isso, apresenta conceitos e teorias que são fundamentais para entender esse momento da pesquisa.

A história do objeto de pesquisa é colocada no terceiro capítulo. É contado quando surgiu a ideia de montar um jornal que criticasse sem ser censurado pela ditadura militar brasileira. Trata de questões do que era temática para os fundadores no final da década de 60 e a linguagem do tabloide que era moderna para o período.

No quarto e último capítulo é feita a análise dos exemplares do **Pasquim** de 1969 selecionados por Sérgio Augusto e Jaguar. Esse estudo é através dos textos vinculados em todas as publicações, assim classificando quais são os gêneros textuais e verificando se o periódico faz parte das produções do jornalismo cultural.

2 HISTÓRIA DO JORNALISMO CULTURAL

O jornalismo nasce com a Acta Diurna para passar informações à população sobre a política no período do império de Júlio Cesar. Com o passar do tempo, ele acaba se modernizando com a vinda da invenção de *Gutemberg*, em 1447: a prensa. A partir desse momento, o jornalismo segue evoluindo, assim construindo alguns segmentos, como o jornalismo cultural.

Esse tipo de segmento surge a partir século XVII, com as transformações sociais e crescimento das cidades na Europa, quando a burguesia ganha força nos veículos de comunicação (jornais, revistas, etc.). Ele nasce através do texto crítico, que tem a literatura como passo principal no quesito cultura. Conforme o autor Frantjesco Ballerini (2015, p.16):

O nascimento do texto crítico só foi possível graças às transformações sociais do século 17, período em que, de acordo com Mendonça (2001), a burguesia ganha força como poder político e constrói espaços de afirmação discursiva de seu poder (jornais, revistas, etc.). A crítica nasceu, portanto, para legitimar a condição burguesa contra o Estado absolutista. Todavia, seu exercício só ganhou força no século 18, com a propagação de teatros e museus nas cidades europeias. A crítica tornou-se um prolongamento das conversas travadas entre aristocracia e intelectuais frequentadores desses ambientes. A literatura foi a “mãe” da crítica cultural impressa, mas textos críticos de música também foram publicados. Curiosamente-e ao contrário do que acontece hoje-, no século 18 a crítica cultural constitui a quase totalidade do que era publicado em jornais e revistas.

Os folhetins foram responsáveis pelo começo de tudo, que traziam as informações sobre as literaturas tratando das obras literárias do período do Renascimento. O jornalismo cultural ganhou a representação maior e mais marcante em 1711, na Inglaterra, quando criaram a revista *The Spectator*, feita por dois ensaístas, Ricard Steele (1672-1729) e Joseph Addison (1672-1719), com conteúdos sobre o que se passa na alta sociedade nas questões políticas dos clubes mais frequentados do país. Isabelle Anchieta de Melo (2007) afirma que as coberturas tinham esses temas e até mesmo sobre as questões morais e estéticas, passando também pela moda.

A chegada do jornalismo cultural na imprensa brasileira demorou. O jornalismo em geral feito era colonizado, com textos impressos fora do Brasil, sendo totalmente de caráter governamental. E se torna independente apenas a partir de 1822 com o jornal **Gazeta do Rio de Janeiro**, mas mesmo assim todo o conteúdo era voltado para

o que acontecia no governo do país. Quando a mídia brasileira teve seus indícios da construção do novo segmento, o jornalismo cultural, como na Europa, surgiu através das formas literárias nos jornais do Rio de Janeiro. O nome que estreou foi Machado de Assis (1839-1908), seguido de José Veríssimo (1857-1916). Escreveram crônicas, contos e capítulos de livros nos jornais, com os textos descreviam com detalhes e ironia o comportamento, roupas da época através dos personagens criados por eles. (REGÔ; CAMPOS, 2015, p.4). Essa forma de fazer jornalismo ganha direções feitas por grandes nomes da literatura brasileira que participaram da Semana de Arte Moderna em 1922, como Oswald de Andrade e Mário de Andrade.

Para Isabelle Anchieta de Melo (2007), o Brasil começa a desenvolver sua imprensa no ramo cultural nos anos de 1950 com a criação de cadernos de cultura nos veículos de comunicação do período. O destaque é através do nascimento do **Jornal do Brasil**, em 1956, com o chamado **Caderno B**. Já para Daniel Piza, no seu livro **Jornalismo Cultural (2003)**, a partir de Silva (1997), o início de tudo do jornalismo cultural brasileiro 'oficialmente' começa no século 19 por meio o jornal Correio Braziliense, o qual teve a primeira seção com conteúdo cultural chamada de "Comércio e Artes", "Literatura e Ciência" e "Miscelânea".

Conforme o tempo passou, no período do século 20, o jornalismo cultural nos jornais impressos evolui e deixa de lado um pouco a característica de ser apenas literário e passa para a produção de matérias e novos assuntos. É quando começa a tratar sobre o cinema e o que fosse a novidade do momento.

Nesse momento, o jornalismo cultural se alavanca por conta da força do cinema e a popularização do rádio, provocando o crescimento da indústria fonográfica e dando início ao que seria a indústria cultural brasileira, ela que pautaria o que seria divulgado pelos jornais da época e consumido pelo público leitor. O termo Indústria Cultural nasceu pela Escola de Frankfurt e, de acordo com Muniz Sodré (1996, p.22), a definição seria de que " 'Indústria cultural' é o nome que vem recebendo a organização particular da transição da cultura burguesa elitista para uma cultura burguesa de massa". (SODRÉ, 1996, p. 22).

Além da existência do jornal **O Estado de S. Paulo** que tratava de cultura, existia a **Folha de S. Paulo**, criada no ano de 1921 com o caderno Folha da Manhã, que começou a inserir o que começava a poder se chamar de jornalismo cultural, no período de 1958 com a **Folha Ilustrada**. Depois nos anos 1980 passariam a ser publicados conteúdos os sábados.

A Folha da Manhã, por sua vez, seguiria a tendência ao falar de cinema na seção 'Ribaltas e Projeções'. Nessa década, os jornais começaram a focar mais em prestação de serviço e matérias informativas de estreias de peças, filmes e exposições de arte. (BALLERINI, 2015, p.24).

Em 1964, no Brasil é instaurado o Regime Militar, que trouxe toda a censura para os veículos de comunicação, tendo que passar qualquer publicação pelo censor. Após quatro anos, em 1968 foi promulgado o Ato Institucional nº 5, mais conhecido como AI-5, fazendo com que todos os segmentos do jornalismo tivessem adaptações na forma da produção de seus conteúdos.

Nesse período, as ondas de manifestações contra o estado em todas as partes do mundo aconteciam por conta de fracasso generalizado das instituições em vista das constantes guerras, injustiças sociais e violência e o estado anestésico. (QUINTES et al.,2001, p.138). O Brasil estava vivenciando um antagonismo de políticos e a mistura de movimentos estudantis pela luta dos direitos perdidos por conta do golpe militar. O AI-5 separou as correntes políticas existentes em duas partes, fazendo com que criticassem o que foi imposto, sendo um deles com a perspectiva da direita e outra da esquerda.

No Brasil desenvolvia-se um panorama de antagonismos políticos envolvendo a participação de importantes figuras políticas e da Igreja, assim como pessoas que se somavam aos protestos, pois todos os órgãos representativos que a sociedade dispunha estavam sob intervenção do governo, e, desta forma, o movimento estudantil mantinham-se organizado para mobilizar a sociedade na luta pela democracia. (QUINTES et al.,2001, p 141).

No jornalismo cultural, o que se publicava nos cadernos de cultura era de caráter político. Ballerini cita que esse conteúdo era uma maneira de criticar a forma que o governo era nos anos de chumbo “ Cinema, teatro, literatura e poesia, como lembra Abreu (1996), eram formas de politizar o povo e levá-lo a refletir sobre os problemas sociais vividos num país ditatorial” (BALLERINI, 2015, p.29). Por causa desse momento, os veículos de comunicação tiveram que se reinventar, criando meios alternativos para publicarem matérias diárias.

O Pasquim teve sua primeira circulação em 11 de junho de 1969 e chegando ao fim em novembro de 1991. Nesse meio tempo, sofreu censura, ficou fechado e depois retornou. Os 150 periódicos de oposição ao regime militar também passaram pelos censores.

Os censores recebiam do governo militar, listas com assuntos ou nomes de indivíduos que deveriam ser banidos de reportagens. Não se podia falar em

meningite em plena epidemia, nem dar espaço nos noticiários a árdios defensores dos direitos humanos, como Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Hélder Câmara, num momento em que presos políticos eram torturados ou desapareciam após terem sido presos. (QUINTES et al., 2001, p.156)

Os outros grandes jornais da época, para passarem pelos censores e mostrar a resistência, como o **Estado de S. Paulo**, faziam publicações de trechos de obras literárias, como os Lusíadas, de Camões. Já o **Jornal da Tarde** veiculava receitas de bolos no meio das matérias jornalísticas que não eram aprovadas. Com o tempo que permaneceu o regime militar, os veículos de comunicação de oposição ao governo tinham essas alternativas.

Desde então, o jornalismo cultural passa por mudança e enfrenta novos desafios, por conta do sentido do que é cultura ter sido alterado com a evolução da sociedade contemporânea. Essa mudança é devida aos novos elementos que surgem para as novas temáticas de abordagem do jornalismo cultural, tanto a utilização de temas clássicos, como a inclusão de informações sobre design, moda/comportamento a culinária, se apoiando também no que a indústria cultural dita.

A nova forma de produção desse segmento do jornalismo se dá pelas mídias tradicionais ainda, mas a prática também agora é feita através de plataformas online, blogues, portais e redes sociais, colocando uma nova formação de nicho cada vez mais específico de audiência. (BALLERINI, 2015, p.43). O problema mais frequente do jornalismo cultural na modernidade dentro dessa indústria cultural é se pautar apenas por questão de o que o mercado oferece para virar matéria, sendo divulgações de shows, peças, o que está passando no cinema, etc. Os jornalistas se esquecem das coberturas de outros tipos de mostrar a cultura de alguma cidade ou país.

Porém, nas últimas décadas, nota-se uma estrutura jornalística pautada pela antecipação: de produtos culturais, como lançamentos de filmes e livros, estreias de peças, novelas, abertura de mostras, de novo um restaurante do game recém-lançado, do próximo desfile de moda, etc. (BALLERINI, 2015, p.46)

Esse fazer das novas formas comunicativas no jornalismo cultural traz o alcance massivo, tratando sobre produtos que são mais populares e com caráter mais comercial. “A massa é uma matriz da qual, atualmente, surgem novas formas relativamente aos comportamentos habituais para com a obra de arte” (BENJAMIN, 1995, p.18).

3 JORNALISMO CULTURAL E GÊNEROS TEXTUAIS OPINATIVOS

O jornalismo cultural é apenas um segmento do jornalismo que trata de questões do meio artístico, como, por exemplo, música, moda, teatro, artes plásticas e outros. Para entender melhor esse ramo do jornalismo que nasceu com o desenvolvimento e a evolução das cidades é importante falar sobre o que é cultura e como ela pode ser classificada.

Roberto DaMatta, no livro **Explorações: Ensaios de sociologia interpretativa**, trata da cultura como um sinônimo de sofisticação, de sabedoria, algo que pertença à alta sociedade. Dizer que alguém é culto ou não é questão de estado de educação que a leva para a compreensão de qualquer assunto que possa armazenar todo o conhecimento sobre determinada coisa.

Cultura aqui é equivalente a volume de leituras, a controle de informações, a títulos universitários e chega até mesmo a ser confundido com inteligência, como se a habilidade para realizar certas operações mentais e lógicas (que definem de fato a inteligência), fosse algo a ser medido ou arbitrado pelo número de livros que uma pessoa leu, as línguas que pode falar, ou aos quadros e pintores que pode, de memória, enumerar (DAMATTA, 2011, p.120).

O autor coloca a visão antropológica social da palavra ‘cultura’ para entender a forma de vida de tipos diferentes de populações. “Não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de ‘civilização’, mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa” (DAMATTA; 2011, p.122). E o olhar de que a cultura possa ser não só o que uma determinada sociedade gosta ou faz, assim podendo ser o envolvimento de costumes.

A cultura tem significado abrangente e com vários olhares. No artigo de Basso (2006), ele cita o teórico Morin, que também tem uma visão desse termo mais antropológico. Todos os valores agregados em uma sociedade, desde o uso de uma roupa ou um rito religioso, podem ser considerados como cultura, pois são conhecimentos de gerações.

O que não depende do conhecimento inato e, por outro lado, tudo o que é dotado de sentido; o etnográfico – que reagrupa crenças, ritos, normas, valores, modelos de comportamento que se perpetuam de geração em geração; e o das humanidades clássicas e no gosto literário-artístico (MORIN apud BASSO, 1999, p. 75-76).

Cabe nesse entendimento de cultura também que há separação de cultura ‘alta’

e cultura 'baixa', sendo que esta inclui as manifestações tidas como populares ou, massivas, julgadas como as que não merecem reconhecimento e nem apuração por meio do jornalismo cultural, não sendo de importância de análise social (MELO apud CERIGATTO, 2012). Isso acontece devido a quando a cultura começa a se industrializar na sociedade e torna mais fácil se reproduzir no meio capitalista.

Isso ocorre no instante em que o novo modo de organização das sociedades plenamente industrializadas procura integrar a produção e o consumo de bens culturais ao movimento de acumulação do capital em escala monopolista e transacional. A cultura passa a servir de forma cada vez mais direta à reprodução ampliada das relações capitalistas (SODRÉ, 1996, p.22)

Tem-se definido como jornalismo cultural uma área de especialização do jornalismo comum que segmenta o público e que trate de temas específicos com mais profundidade, como os outros tipos de jornalismo: esportivo, político, de dados etc. A temática tem como objetivo divulgar produtos da cultura de massa ou reportar algum fato do meio cultural.

A definição neste caso, não restringe o campo, pelo contrário amplia. O que acontece é que algumas vezes as temáticas podem transpassar os editoriais tradicionais, podendo ser lidas numa dupla interpretação. O que se percebe de maneira geral, é que enquanto as demais editorias focalizam os aspectos informativo e descritivo sobre um determinado assunto, nos cadernos e revistas de cultura a temática recebe uma roupagem analítica, interpretativa, crítica, e, é claro, autoral, centrada na reflexão filosófica, abarcando temas diversos (BASSO, 2006, p.3).

Esse tipo de jornalismo trabalha com publicações voltadas para um nicho aos que procuram saber de produtos de estão sendo produzidos no meio da música, cinema, teatro e outros. O jornalismo cultural tem como função deixar de forma clara e acessível as obras do meio artístico, para a melhor compreensão dos leitores de veículos de comunicação que têm esse segmento.

Compreende-se por Jornalismo Cultural os mais diversos produtos e discursos midiáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo (atualidade, universalidade, interesse, proximidade, difusão, objetividade, clareza, dinâmica, singularidade, etc) que ao pautar assuntos ligados ao campo cultural, instituem, refletem/projetam (outros) modos de pensar e viver dos receptores, efetuando assim uma forma de produção singular do conhecimento humano no meio social onde o mesmo é produzido, circula e é consumido (GADINI, apud LOPEZ; FREIRE, 2004b, p. 1).

Eliane Fátima Corti Basso, no artigo **Para entender o jornalismo cultural**, cita que, para Teixeira Coelho, o jornalismo cultural é uma forma de fazer jornalismo para que alguém possa colocar um fato da cultura entrar para história ou fazer uma crítica,

por exemplo, de um filme que acabou de sair no cinema, fazendo com que o público tenha melhor interpretação do produto consumido. “Assim, o Jornalismo Cultural, em sua dupla postura, realiza a difusão e a análise crítica das culturas - formatando um fórum público de manifestação do pensamento” (BASSO, 2006, p.10).

Esse segmento do jornalismo na maioria das vezes utiliza produções textuais do gênero opinativo, resenha/crítica. Normalmente é o estilo de texto que ajuda na influência dos leitores de algum veículo e o jornalista/crítico cultural consegue se expressar e pontuar momentos que são importantes de serem percebidos em alguma obra e também passando informações. “A crítica pertence ao conjunto das matérias ‘de solicitação de opinião’, fato que aliás fica ambíguo, pois ao detalhar o segmento opinativo ele se refere à crítica cultural (espetáculos, literatura) sem deixar claro onde classifica” (MELO, 2003, p. 49).

Quando se fala dos gêneros que pertencem ao universo dos informativos, como reportagem, notícia e nota, demandam algum acontecimento em uma sociedade e a evolução desse fato para que os jornalistas noticiem e possam transmitir a mensagem para os receptores. No momento que se usam os gêneros opinativos, além deles informarem sobre fatos, o profissional do jornalismo coloca o seu pensamento, emitindo, assim, a opinião. Nesses gêneros, a ideia de objetividade do jornalismo é encontrada, assim como a neutralidade e a imparcialidade para dizer sobre algum tema.

Já no caso dos gêneros que se agrupam na área da opinião, a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião) (MELO, 2003, p. 65).

No jornalismo de opinião, as formas de construções textuais são os comentários, resenha/crítica, coluna, crônica, caricatura, editorial, carta e o artigo. Para o entendimento da resenha/crítica ser o gênero mais aparente e que mais se desenvolve no jornalismo cultural é importante compreender os gêneros pertencentes ao jornalismo opinativo.

O Editorial é a visão da empresa / veículo de comunicação expressando sobre o momento mais polêmico que acontece no momento. É a posição que esse jornal toma sobre determinado assunto argumentando com a forma de pensar deles. “Observa-se então que cada editorial, numa grande empresa jornalística, passa por um sofisticado processo de depuração dos fatos, de conferência dos dados, de

checagem das fontes” (MELO, 2003, p.107).

Outro gênero é o comentário, que apareceu mais entre o rádio e a televisão, que pegam as notícias dos jornais e fazem um breve resumo do que foi noticiado pelo jornalista. É uma forma de esclarecer para a população o fato que é contado através da notícia ou reportagem, servindo como uma forma de orientação. O comentarista não faz julgamento ou doutrina sobre o fato apresentado (MELO, 2003, p. 112). Esse gênero opinativo tem totalmente um vínculo com a atualidade para que possa apresentar alternativas sobre a notícia comentada. Não é uma maneira do jornalismo que se encaixa nas formas de se produzir o jornalismo cultural.

Na verdade, o comentário tem sua própria especificidade enquanto estrutura narrativa do cotidiano. Trata-se de um gênero que mantém vinculação estreita com a atualidade, sendo produzido em cima dos fatos que estão ocorrendo. Vem junto com a própria notícia. Por isso é difícil de ser realizado, exigindo muita argúcia no sentido de evitar prognósticos não confirmáveis (MELO, 2003, p.115)

Na análise de questões da atualidade e sociais temos o artigo, que traz embasamentos teóricos. “Artigo jornalístico e que se destina a analisar uma questão da atualidade, sugerindo ao público uma determinada maneira de vê-la ou de julgá-la” (MELO, 2003, p. 124). O artigo tem como propriedade trazer fatos e ideias e também trabalhar com a argumentação do jornalista articulista. Ele é um gênero não comum em veículos de comunicação como o rádio e a televisão. A coluna é publicada em jornais e revistas, apesar de que nos dias atuais sites de notícias adotarem. A característica é que o jornalista que a escreve tem a possibilidade de um estilo mais livre e pode tratar de coisas pessoais e não só da notícia comum

Compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas. As colunas mantêm um título ou cabeçalho constante, e são diagramadas geralmente numa posição fixa e sempre na mesma página o que facilita a sua localização imediata pelos leitores (MELO, 2003, p. 140).

As colunas também têm como função abranger as questões culturais, mas diferentemente das resenhas.

No caso das colunas que abrangem setores culturais, é preciso não confundilas com as resenhas. São dois gêneros que coexistem no mesmo espaço jornalístico. Enquanto a resenha faz a análise das obras em circulação, a coluna movimentada o setor, mantendo aceso o interesse dos leitores pelos

seus protagonistas. Divulga programação, destaca lançamentos, sugere opções, projeta nomes. Cria, enfim, um clima emocional em torno daquele segmento da indústria da cultura suscitando o interesse permanente dos seus aficionados (MELO, 2003, p.147)

As caricaturas, que são desenhos de sátira, chegaram à imprensa devido à evolução das tecnologias, como a possibilidade de reprodução gráfica e quando o jornal impresso acabou ganhando melhor popularização. Elas são uma forma de ilustração para criticar o que acontece na sociedade atual, colocando como o ridículo as representações que são feitas. Provocam uma sensação cômica no leitor.

Enquanto o gênero jornalístico, a caricatura cumpre uma função social mais profunda que a emissão rotineira da opinião nos veículos de comunicação coletiva. É que a imagem, na imprensa, motiva de tal modo o leitor e produz uma percepção tão rápida na opinião que se torna instrumento eficaz de persuasão. Por isso, a caricatura incomoda mais os donos do poder que o editorial ou o artigo (MELO, 2003, p.166).

Esse tipo do jornalismo opinativo começou a fluir nos anos 60 com o semanário **O Pasquim**, que vivia como uma forma de resistência ao período do Regime Militar. Millôr Fernandes era quem trabalhava sempre com a ironia para fazer críticas ao governo implantado. Nesse meio do jornal, um nome importante que desenvolvia uma linha da caricatura, o cartunista era Henfil. “O modelo do **Pasquim** constitui uma síntese do jornalismo caricato: o traço e o texto, lado a lado, ironizam o cotidiano, satirizam os protagonistas da notícia, registram com humor a emergência de um novo projeto de sociedade” (MELO, 2003, p.171).

Sobre o gênero carta, José Marques de Melo (2003, p.174) diz que: “A imprensa socialista atribuía grande importância à participação dos seus leitores e reserva espaço para a publicação das cartas que chegam à redação dos jornais e revistas”. É a forma textual considerada a seção dos leitores, que funciona como uma forma de debate sobre algum tema da atualidade nacional. Como uma forma de feedback dado pelos leitores do veículo de comunicação.

A carta é, contudo, aquele espaço em certo sentido democrático, ao qual cada um pode recorrer. Já vimos anteriormente como muitos intelectuais brasileiros, que antes se expressavam através de artigos na página editorial, hoje recorrem à seção dos leitores para contribuir ao debate sobre as questões da atualidade nacional (MELO, 2003, p.175)

O jornalismo brasileiro nos gêneros textuais de opinião existe a crônica. Uma definição tipicamente do Brasil, não sendo encontrada uma produção igual a nenhum outro país (MELO, 2003, p.148). A crônica tem sentido geral de trazer elementos do cotidiano e o jornalista tem a missão de colocar esses fatos de forma mais reflexiva e leve para o melhor entendimento do leitor, colocando também a perspectiva que esse jornalista tem sobre o assunto tratado. “O cronista que sabe atuar como consciência poética da atualidade é aquele que mantém vivo o interesse do seu público e converte a crônica em algo desejado pelos leitores” (MELO; 2003, p.156)

O gênero jornalístico que mais aparece em apreciações de obras artísticas ou produtos culturais que podem ser produzidos pela indústria cultural é a resenha ou crítica, que procura e tem como função orientar os leitores dos veículos de comunicação sobre aquilo que irão consumir, como quando o jornalista escreve uma crítica de um cinema ou álbum musical de algum cantor.

A resenha é hoje exercida, no Brasil, por jornalistas que desempenham (ou já o fizeram no passado) atividades vinculadas ao campo privilegiado de análise, o que os torna competentes para esse trabalho. Isso não exclui a existência de ‘críticos’ que, designados para cobrir determinadas áreas da produção cultural, acabaram se enfrasando nos bastidores do setor e despontaram como analistas capazes de merecer a credibilidade do público (MELO, 2003, p.130).

No artigo **Crítica de um enunciador ausente: a configuração da opinião no jornalismo cultural** de Everton Terres Cardoso, cita que Rivera (2003) tem a mesma intenção sobre o conceito da crítica que tem como a função mostrar a ideia e esclarecer sobre conteúdo que a obra/ produto da cultura tem a oferecer. Ela teria também como papel a construção da história dos artistas. “A crítica é que teria a função de também ajudar a construir a história do campo artístico, já que ela exigiria do autor uma maior elaboração no que se refere à relação da obra com o campo de produção artística e sua história” (CARDOSO, 2007, p.3001). Esse gênero textual costuma aparecer em produções do jornalismo cultural, como forma de esclarecimento para o leitor.

No jornalismo europeu e norte-americano as resenhas são produzidas por intelectuais que combinam a argúcia jornalística com o conhecimento do setor cultural que criticam. Sua postura, contudo, privilegia o público, seus interesses, suas peculiaridades com os quais se identifica (MELO, 2003, p.136).

Para José Marques de Melo (2003) uma das características do gênero crítica

do jornalismo cultural é a capacidade de decisão entre falar que algo é bom ou ruim, assim 'destruindo' algum produto do meio cultural. E Frantjesco Ballerini (2015) também traz essa perspectiva como se o jornalista cultural fosse um mediador entre o leitor e a indústria cultural, sendo que essa mediação vem a partir de produtos produzidos pela indústria cultural. Quem também afirma é Daniel Piza (2003), dizendo que a crítica é a parte principal do jornalismo cultural. "Ela pode ser encontrada em várias publicações específicas mundo afora. Na França, por exemplo, os leitores de crítica de música não vivem sem *Le Monde de la Musique*" (p.28).

O crítico tem como função ser uma pessoa de autoridade para o meio artístico, e costuma atribuir, nos meios de comunicação, pontuação sobre os produtos desenvolvidos pelos artistas. A figura do crítico é vista como uma pessoa que tem conhecimento específico sobre determinados assuntos e, assim, tendo propriedade para escrever sobre eles. "Normalmente, o crítico, visto como um intelectual, eufemiza esse poder da mesma forma que, segundo Bourdieu, são eufemizadas outras formas de publicidade da arte" (CARDOSO, 2007, p.302).

4 HISTÓRIA DO JORNAL O PASQUIM

A ideia de lançar um jornal alternativo por conta da instauração do AI-5 em 1968 veio quando um dos responsáveis pelo jornal **A Carapuça** faleceu, e o periódico teve seu fim no mesmo ano que o ato foi promulgado. Tarso de Castro, um dos fundadores do jornal **O Pasquim**, conhecia o sócio do **A Carapuça** e sugeriu que fizessem um novo jornal como uma saída para o período que passavam, o Regime Militar que começou em 1964. Tarso de Castro convidou Jaguar, Sérgio Cabral, Claudius e Prospero para essa nova ideia e Jaguar sugeriu o nome de **O Pasquim** (VAUCHER, 2014, p.6).

O jornal nasce em Ipanema, no Rio de Janeiro, criado na casa de Henfil, como é citado no artigo **Humor de combate: Henfil e os 30 anos**, de Dênis de Moraes (1999). **O Pasquim** nasce como um jornal de bairro, uma mídia alternativa para que a população de brasileiros que estão exilados pudesse participar e também os que eram contra a ditadura. Esse modo novo de fazer jornalismo que se denomina de jornalismo alternativo é uma saída para período para que se veiculassem notícias e críticas ao governo.

O jornalismo alternativo surge como contraponto ao jornalismo “de referência”, este, subordinado a rotinas produtivas de empresas jornalísticas. A “alternativa” do jornalismo alternativo confronta interesses econômicos da grande mídia, rejeita fontes e inclui posições ideológicas e políticas diferentes das do poder vigente. (CAMPOS; REGÔ, 2016, p.2)

O Pasquim nasce desse momento, como uma forma alternativa de fazer jornalismo e criticar o militarismo, mas não apenas isso, como também uma forma de fazer jornalismo cultural. **O Pasquim** “começa como tabloide semanário de humor, política e cultura e, com a força do deboche e do talento de sua equipe e entrevistas famosas com Leila Diniz ou Graham Greene, chega a duzentos mil exemplares em alguns meses” (PIZA, 2015, p.39).

A primeira edição foi publicada no dia 26 de junho de 1969, trazendo para a sociedade brasileira um impacto, principalmente com a linguagem que se usava, com elementos da oralidade e coloquiais nas escritas dos materiais. “Aparentemente, começou por acaso, quando Jaguar usou as propriedades de outra invenção de introdução relativamente recente no jornalismo brasileiro da época, o uso do gravador” (VAUCHER; 2014, p.7).

Os conteúdos usados e publicados por esse jornal eram de humor e comportamento, tratando desde sexo, feminismo e movimentos sociais em geral e o mundo boêmio dos cariocas, além de comentários e críticas sobre o Regime Militar. Outros jornalistas também embarcaram na construção do **Pasquim**, como chargistas e caricaturistas, como Millôr Fernandes, Ziraldo, Henfil. Não tem, assim, uma única pessoa como fundadora da mídia alternativa que era esse jornal.

O Pasquim fez com que os palavrões, usados como um neologismo, fossem publicados para passarem pelos censores. Assim, provocam um duplo sentido no momento das interpretações de quem lesse o que seria publicado. Além disso, fizeram com que a ‘moda’ de falar coisas como *putsgrila* e *sacumé* pegassem entre os brasileiros leitores do jornal.

O jornal foi ganhando espaço com o número de jornalistas participantes e também com os críticos que usavam o regime para a escrita de crônicas e outros gêneros jornalísticos. A ausência de liberdade de expressão foi tornando-o um lugar de manifestações de opiniões e, assim, expressões de ideias dessas pessoas sobre o momento da sociedade e o que os brasileiros que eram contra a ditadura queriam ler.

Em 1970, a equipe que fazia parte do **Pasquim**, chamada de “Patota”, foi presa pelos agentes do Doi-Codi. Mesmo assim, o jornal continuava a circular por conta dos chamados colaboradores. Nenhum dos leitores da época ficou sabendo o fato no exato momento, apenas souberam por meio do humor construído que era carro chefe da turma, utilizando-se do surto de gripe que estava acontecendo. “A repercussão da prisão foi grande, sendo assim a solidariedade e o carinho que os leitores demonstravam para com os integrantes do jornal aumentava cada vez mais” (VAUCHER; 2014, p.8).

Depois disso, **O Pasquim** teve momentos bons e ruins por falta de anunciantes que seguravam o financeiro das publicações. Também os momentos de dificuldade aconteceram por ordem da repressão. Um fato tratando dos censores do período foi quando uma censora chamada Marina fiscalizava todos os conteúdos. O curioso é que na década de 70, nas redações as pessoas que trabalhavam ainda podiam beber e fumar. Dona Marina, como a chamava a “Patota”, gostava muito de beber durante o expediente.

No trabalho, Marina um dia encontrou uma garrafa de uísque e passou o dia todo bebendo e nesse período acabava aprovando muita coisa que não deveria, de

acordo com o sistema implantado pelo Regime Militar. “Entre essas aprovações o desenho criado por Jaguar, em cima do famoso quadro de Pedro Américo sobre o Grito do Ipiranga, com Dom Pedro I gritando “Eu quero é mocotó!” (VAUCHER; 2014, p.8).

Na mudança de década, nos anos 80 discussões tratavam sobre as emergências de movimentos sociais e que os partidos políticos do período pensavam e reivindicavam. Alimentavam o jornal com o novo cenário e o **Pasquim** manteve a sua forma humorística e o pensamento rápido para tratar das questões e continuar entrando com as críticas aos governantes do período. Como Andréa Cristina de Barros Queiroz (2004), que cita Bourdieu, lembra que o jornal utiliza a linguagem da invenção e a mistura intelectual, passando no campo literário e artístico para falar da política.

Neste novo cenário, O Pasquim manteve o seu humor e a agilidade gráfica, aliados a uma contínua crítica à grande imprensa e à televisão, alimentando assim, como salientou Ângela Dias, o metadiscurso pasquiniano. Embora, as vicissitudes dos “intelectuais-jornalistas” tenham levado o jornal a uma perda de estilo. (QUEIROZ, 2004, p.246)

No ano de 1982, dentro do **Pasquim** os discursos sobre os partidos políticos que a “Patota” seguiria eram diversos. Cada um dos que compunham o jornal apoiava um partido político, e isso causou divergências. Quando o candidato do Partido Democrático Trabalhista (PDT), Leonel Brizola, ganha o governo do Estado do Rio de Janeiro, toda linguagem do semanário alternativo traz conteúdos com o formato mais voltado para a imagem do governador. Ziraldo é uma das pessoas que acaba abandonando o **Pasquim**. Em 1988, esse modo de fazer o jornalismo, por causa de uma figura política, atinge o limite e a redação é modificada.

O ano de 1988 foi o limite deste processo de alinhamento, visto que em agosto deste ano, o Pasquim foi comprado por João Carlos Rabello, empresário e jornalista, disposto a profissionalizar o jornal e ganhar dinheiro com ele. Este foi um ano caracterizado pela desconfiguração do projeto, por diversos motivos. Desde o número 969, de onze de fevereiro ocorria uma irregularidade periodística, entre edições quinzenais, sazonais e recuperações semanais. (QUEIROZ, 2004, p.248)

O **Pasquim** foi um jornal que permaneceu até o ano de 1991, passando por momentos de reestruturação e mostrando um modo de fazer jornalismo que é o jornalismo alternativo, tendo como sua principal contribuição do fazer jornalismo no período em que a mídia foi censurada, lidando com as crises e as divergências entre

a equipe. É importante lembrar que um dos membros, apesar dos desentendimentos, permaneceu até o último número do jornal: Jaguar, que continuou defendendo a ideia do semanário alternativo revolucionário para o período do Regime Militar. **O Pasquim** é uma resistência do jornalismo e que sobreviveu para passar de um jeito humorístico e crítico o período de ditadura que o Brasil viveu.

5 ANÁLISE DO JORNAL O PASQUIM

No livro O Pasquim: Antologia Volume I 1969 e 1971 foi feita uma organização dos jornais por Jaguar e Sérgio Augusto. Houve uma seleção das edições. E o recorte a ser analisado é do ano de 1969, a partir do primeiro exemplar até o 25, sendo do mês de junho até dezembro. A lista do material selecionado pelos autores segue na tabela abaixo, criada para localizar o leitor diante do objeto de análise do presente estudo.

Gênero textual	Edição	Data	Página	Título	Autor
Carta	1	Jun. 1969	17	Independência, é? Vocês me matam de rir	Millôr Fernandes
Charge	1	Jun. 1969	18	Tarzan	Ziraldo
Tira	3	Jul. 1969	19		Fortuna
Poema	3	Jul. 1969	19	Memória	Ferreira Gullar
Poema	4	Jul. 1969	20	Barrabás	Reynaldo Jardim
Tira	4	Jul. 1969	20	Os dois fradinhos	Henfil
Crítica	4	Jul. 1969	21	O samba saiu de moda	Sérgio Cabral
Carta	4	Jul. 1969	22 - 23	O anjo	Chico Anysio
Tira (2)	4	Jul. 1969	23		Jaguar
Charge (1)	4	Jul. 1969	23		Jaguar
Crônica	6	Ago. 1969	24	Eu, jornalista	Chico Buarque de Hollanda
Crítica	6	Ago. 1969	25 - 27	Sade um amor da crueldade	Paulo Francis
Tira	6	Ago. 1969	27	Os dois fradinhos	Henfil
Carta	7	Ago. 1969	28	Sem título	Claudius
Entrevista	7	Ago. 1969	29 - 31	Entrevista Di Cavalcanti	Jaguar, Tarso de Castro, Moacir Werneck, Albino

Charge (2)	7	Ago.1969	31		Jaguar
Crônica	7	Ago.1969	32	Edificante história de Abraão	Carlos Heitor Cony
Charge (2)	7	Ago.1969	32	A ninfômana e a pílula	Surtan
Artigo	7	Ago.1969	33	A origem do <i>Sig</i>	Tarso de Castro
Charge	7	Ago.1969	34	Só doi quando eu rio	Ziraldo
Entrevista	8	Ago.1969	35 - 38	Entrevista Marques Rebêlo	Jaguar e Millôr Fernandes
Tira	8	Ago.1969	38	Os fradinhos	Henfil
Artigo	9	Ago.1969	39 - 40	O que é que a filha de Zanuck tem a ver com a morte de Sharon Tate?	Sérgio Augusto
Charge	9	Ago.1969	40		Jaguar
Tira (2)	9	Ago.1969	40		Jaguar
Charge	9	Ago.1969	41		Jaguar
Artigo	11	Set.1969	42	Do nosso Departamento de Pesquisa em Roma	Chico Buarque de Hollanda
Tira	11	Set. 1969	43	O lornhão de bauxita	Jaguar
Crônica	12	Set. 1969	44	Volksmillôr agora ataca de swan	Millôr Fernandes
Carta	12	Set .1969	45	Meu caro Sigmund	Caetano Veloso
Charge (8)	12	Set. 1969	46 - 47		Jaguar
Crônica	12	Out .1969	48 - 49		Millôr Fernandes
Crônica	18	Out. 1969	50	Jaguar e Hugo Bidet analisam, de forma radical, a lei da conversão nacional	Jaguar e Hugo Bidet
Tira	18	Out. 1969	51	Os fradinhos	Henfil
Tira	18	Out.1969	52- 53	Bóris, o homem-troneo	Jaguar

Carta	19	Nov.1969	54	Meu prezado Sigmund	Caetano Veloso
Crônica	20	Nov.1969	55	A cama	Jô Soares
Charge	20	Nov.1969	56	Millôr pede emprestado o Sig ao Jaguar	Millôr Fernandes
Artigo	20	Nov.1969	56	Os americanos	Luiz Garcia
Tira	20	Nov.1969	57	Fradinhos	Henfil
Crítica	20	Nov. 1969	58 - 59	Os amores de Picasso e os milhões do Sr. Kahn	Otto Maria Carpeaux
Tira	20	Nov.1969	59	Um dia na vida de um mito de nossa época	Jaguar
Entrevista	22	Nov.1969	60 - 66	Entrevista Leila Diniz	Sérgio Cabral, Tarso de Castro, Jaguar, Maciel, Garcez e Tato Tabora
Tira	22	Nov.1969	67	Fradinhos	Henfil
Crônica	22	Nov. 1969	68 - 69	Vergéis floridos rouxinóis canoros	Millôr Fernandes
Artigo	25	Dez.1969	70 - 73	Palavrão não é pornografia	Rubem Fonseca
Charge	25	Dez. 1969	74 - 75	Abaixo o palavrão	Ziraldo

O número um foi publicado em 26 de junho de 1969, trazendo como texto a história do surgimento do tabloide. E aborda também a criação do emblemático ratinho *Sig* feitas por Jaguar e Ivan Lessa.

O ratinho *Sig*, personagem do Chopincs – uma HQ que Ivan Lessa e eu bolamos para o lançamento da cerveja Skol -, foi nomeado símbolo do Pasquim. Também chamado de o rato que ruge, por causa do filme. Três mesas, outras tantas máquinas de escrever, telefone, a prancheta do Prósperi, um bom estoque de uísque estávamos prontos para o que desse e viesse (AUGUSTO; JAGUAR, 2006, p. 7).

Esse não é o único momento que a história de *Sig* parece. Na edição de número sete, Tarso de Castro escreve um texto com o título de **A origem de *Sig*** por pedidos

dos leitores do **Pasquim** para entender melhor quem é a figura. Castro explica desde quando foi pensado e criado o rato em Ipanema, ao certo que nasceu junto com a criação do tabloide. O mascote funcionava como um comentarista do texto seguinte entraria na edição. Um personagem que tudo observa à sua volta.

Daí para a glória, foi um passo: deixando o hospital, *Sig* entregou-se inteiramente a atividades intelectuais, passando, portanto, a frequentar diariamente o Zepelin (dos Oskar), melhor, diariamente o Veloso (hoje acusado de Garota de Ipanema) e noturnamente o Zepelin, além de comparecer madrugadamente ao aprazível recanto conhecido como Alfredão, onde o sr. Denner Pamplona de Abreu exercia a saudável atividade de Leão de Chácara, de onde se pode concluir que a casa não primava pelo – digamos – radicalismo (AUGUSTO; JAGUAR, 2006, p.33).

Na seleção feita por Sérgio Augusto e Jaguar para o livro de antologia das 25 edições colocadas do primeiro ano de tiragem do jornal, o rato *Sig* não aparece em quatro delas. As publicações (oito, nove, doze e dezenove) são exemplares, conforme o livro mostra não há os comentários de costume.

Também nas primeiras páginas do livro, Jaguar escreveu um texto com o título de **O começo do Pasquim**, que contextualiza todo o porquê da criação de um jornal, um ano após a promulgação do AI-5, que fazia críticas sobre a sociedade do final da década de 60. Todo o início do tabloide é escrito e é explicado como superaram a censura com uma linguagem feita para o governo de Emílio Garrastazu Médici (1905-1985). E Jaguar disse como as pessoas não acreditavam que essa ideia do semanário poderia dar certo no contexto daquela sociedade.

Por que tabloide? Fizemos uma pesquisa entre os colegas de jornal e a maioria opinou que o leitor brasileiro não gosta de formato. “Então vai ser tabloide”, decidimos. Aliás, ninguém levava fé, achavam que seria um jornalzinho de bairro. O lançamento foi no dia 26 de junho de 1969. Cinco meses depois, demos uma festa para comemorar os cem mil exemplares. O primeiro número, além da entrevista do Ibrahim, tinha dois ilustres correspondentes, Chico Buarque, de Roma, convidado pelo Sérgio, e Odete Lara, diretamente do Festival de Cannes. Além dos cinco fundadores, colaboraram Marta Alencar, Fortuna, Luiz Carlos Maciel, Ziraldo (nos deu permissão para republicarmos os Zeróis), Sérgio Noronha, Nísio Baptista Martins (deste eu não me lembro) e Olga Savary, que assinava as Dicas. Quatro páginas de propaganda: da Shell (Prósperi fazia a revista da empresa), da Skol, dos cartões Thomas de la Rue (assinados pelos desenhistas do Pasquim) e das casas do Ricardo Amaral (saudosa Sucata!). Todos os anúncios foram feitos pelo Claudius e por mim. O número só tinha 20 páginas, mas mesmo assim faltou matéria (AUGUSTO; JAGUAR, 2006, p.8)

Na primeira edição é colocada uma contextualização com o texto de Sérgio Augusto, **O Pingente que deu certo**, também mostrando o começo do **Pasquim** em 1969. E são citados momentos da ditadura e a censura, que antes afetou Millôr Fernandes quando teve ideia de criar um tabloide que pudesse criticar com um jeito muito bem-humorado esse momento da história. Também são mostradas caricaturas dos participantes que escreviam para o semanário, sendo eles Henfil, Paulo Francis, Ziraldo, Jaguar, Tarso de Castro, Millôr Fernandes e Sérgio Cabral. Além disso há na abertura uma charge de Ziraldo do Tarzan com a Jane balançando em um cipó de maneira pouco ortodoxa.

FIGURA 1: Desenho de Ziraldo na primeira edição do Pasquim.



Fonte: AUGUSTO; JAGUAR, 2006, p. 18

O jornal, de acordo com o livro **O Pasquim: Antologia Volume I 1969 e 1971**, tinha em média 70% dos leitores entre 18 e 25 anos, com 80 mil exemplares vendidos nas primeiras dez semanas e, assim, os fundadores aumentaram essa tiragem para 200 mil em sete meses, em média. O **Pasquim** fugia do padrão do período dos anos

60 e também passava por medo de acabar a qualquer momento por ser criado na ditadura militar. Um deles era o corte dos investimentos dos anunciantes, pois o semanário sobrevivia disso para pagar os gastos nas tiragens.

Apesar de todos esses números, os anunciantes fugiam do jornal, a maioria por medo de uma prensa do governo, que muitos deles, aliás, levaram. A ditadura e seus apóstolos não achavam a menor graça no **Pasquim** e tentaram, por todos os meios, destruí-los. Para eles, “aquilo” era um antro de comunistas, bêbados, pervertidos e drogados, empenhados em difundir ideologias exóticas e subversivas, desencaminhar a juventude e destruir a família brasileira (AUGUSTO; JAGUAR, 2006, p. 11).

Por conta da seleção feita pelos autores Sérgio Augusto e Jaguar, o texto exposto na primeira edição do jornal é uma carta que faz parte da crônica/ artigo redigida por Millôr Fernandes em resposta sobre o **Pasquim** ser um veículo independente. Ele que foi denominado por Cláudio Mello e Souza como ‘o inventor da liberdade de imprensa’, e esse termo também é usado na edição de número vinte e dois.

Nesse primeiro texto, Millôr mostra-se desacreditado na primeira vez que o tabloide é publicado e que não possa passar dessa edição por conta do momento histórico com a censura à imprensa na ditadura militar, por conta dos textos que os criadores queriam publicar criticando o governo. Além de colocar sobre um questionamento da empresa que estava anunciando nas tiragens.

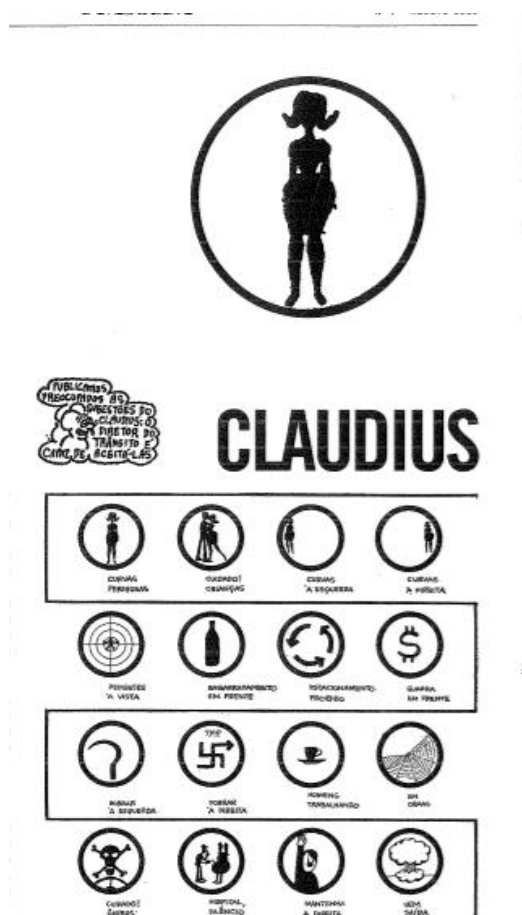
Se não te basta isso, Jaguar, apostando com você como o Pasquim está cortejando o cano, eu te ofereço 50 casos de cerceamentos meus em teatro cinema, tevê e jornalismo para cada um caso só que tenha havido contra, por exemplo, O Globo. Morou? Foi despejado? Então deixa eu esclarecer; este primeiro número tem um anúncio da Shell. Pois ainda há bem pouco tempo a revista da Shell me pediu um artigo e não publicou porque escrevi a história de um elefante que brigava com um tigre. E olha que o elefante ganhava, pombas! Honra seja feita, não publicou mas pagou. Só a Shell dá ao seu escritor o máximo (AUGUSTO; JAGUAR, 2006, p. 17).

O formato carta também aparece na edição de número quatro. Dessa vez é feita pelo humorista, Chico Anysio para Tarso de Castro. A temática abordada é sobre Anysio ser convidado para escrever para o **Pasquim** ironizando questões sobre a forma de Millôr Fernandes fazer humor. Além dele tratar sobre o que iria receber para escrever e deixar um texto no tabloide, que o humor que faz não é algo de graça, como Millôr. Chico Anysio cita isso na carta sobre o valor do seu trabalho com comparações a Millôr Fernandes. Ao final coloca: “E pensar que eu esnobei uma

‘nota’ da Realidade, para trabalhar por um preço destes para vocês. A cada dia eu saio mais da realidade, né? ” (AUGUSTO; JAGUAR, 2006, p.22). Essa carta é respondida, porém não há assinatura de quem poderia ter feito.

Outro texto pertencente a esse gênero é de Claudius, na edição de número sete para todos do **Pasquim**, mas uma coisa em comum com a que Chico Anysio escreve é a citação do que Millôr Fernandes faz dentro do jornal. É feita uma sugestão para que os ilustradores do semanário fizessem da forma característica dele, a mudança das placas de trânsito originais para algumas lições de momentos da história.

FIGURA 2: Pedido da carta de Claudius ao **Pasquim**.



Fonte: AUGUSTO; JAGUAR, 2006, p. 28.

Nas edições de números 12 e 19 são um pouco diferentes das cartas feitas por leitores. Caetano Veloso escreve um diário do que estava vivendo fora do Brasil no período da ditadura militar, foi um convidado para ser correspondente. As duas cartas

são dedicadas a Jaguar, sendo que a primeira tem como a temática o que poderia ser das pessoas no período do final da década de 60.

Eu não sei que será de nós, meu caro Sigmund. De mim, de você e do Nelson Rodrigues. Eu não quero estar daqui a mandar-lhe diário de viagem. Dentro de alguns dias estarei em Londres, imagine onde pretendo morar. Talvez de lá, com a cabeça assentada (se ela assentar...), eu envie algum papo mais interessante, sei lá, alguma coisa que possa ser boa como informação para você, para a Pernambucália, para Belém do Pará, para os meninos da Bahia nesta hora da criança, para Sampa, para a Banda de Ipanema e outras bandas. (AUGUSTO; JAGUAR, 2006, p. 45).

O gênero carta pertence ao modo do jornalismo opinativo e podemos ver nessas situações. Ela serve para que os leitores falem das publicações e deem sugestões ao que deve ser colocado nas edições do jornal, como fez Claudius que contribuiu para um debate sobre a sociedade brasileira no ano de 1969 ou apenas como fez Chico Anysio, se recusando a escrever para o **Pasquim**. É um formato que não se encaixa no jornalismo cultural por não tratar de um produtor cultural, apesar de ter traços culturais.

No quesito artigo, o livro reúne algumas páginas do tabloide e traz, na edição de número nove, sobre a morte da atriz Sharon Tate e o que a filha de Zanuck teve a ver com esse fato e é escrita por Sérgio Augusto. Tratando de uma temática do momento conhecimento das duas e o trabalho que desempenhavam, colocada como uma curiosidade da década de 60. Isso para fazer um deboche do momento e também tratar da política do *showbusiness*. A filha de Zanuck é contada como alguém suspeita desse acontecimento.

Outra seguindo essa linha de raciocínio é na edição de número vinte e cinco em dezembro, e também a maior escolha dos exemplares de 1969 e feita pelo literário, Rubens Fonseca com o título de **Palavrão não é pornografia**. Ela é feita a partir do ponto de vista linguístico e com explicações sobre cada termo e origem das palavras 'palavrão' e 'pornografia'. É dito sobre o tabu que o uso de palavrões causa no período de 1969.

O artigo é para dinamizar o ambiente do jornal de um jeito informativo ou opinativo. Nesses dois casos para serve para descrever dois fatos que aconteceram na década de 1960 com um formato totalmente voltado para cultural, mas não jornalismo cultural. Apenas um faz parte da produção do jornalismo cultural, o texto é de Chico Buarque de Hollanda, **Do nosso Departamento de Roma** que trata sobre a origem do nome **Pasquim**.

O **Pasquim** traz o gênero entrevista, que “é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade” (MELO, 2003, p.66). A reunião feita no livro **O Pasquim: Antologia Volume I 1969 e 1971** traz três, sendo uma delas a da edição de número sete, com Di Cavalcanti, um dos principais nomes da pintura brasileira. Nessa, o rato *Sig* aparece com um comentário sobre a bronca que o artista dá nos leitores por acharem que o jornal é ‘Ipanemenho’. A outra na edição de número oito, com Marques Rebêlo, sobre os rumos da literatura brasileira e a linguagem usada nela. E por fim, com a atriz Leila Diniz, com a temática de sua carreira e o mundo dos palcos do teatro.

As três entrevistas presentes no livro têm a participação como entrevistadores Jaguar, Millôr Fernandes, Tarso de Castro e Sérgio Augusto. Contendo perguntas e respostas e cada hora um tem sua vez de elaborar perguntas para os entrevistados, como se fosse uma roda de conversa, considerado um bate-papo que os fundadores faziam. “A entrevista corresponde a um diálogo entre um jornalista e um personagem do cotidiano. Por sua vez, o artigo é entendido à maneira norte-americana como uma análise ‘interpretativa’” (MELO, 2003, p. 50).

A crônica é um gênero da literatura, mas também é usada pelo jornalismo opinativo e também no cultural. Ela tem como característica pegar fatos do cotidiano e transformá-los para o entendimento do leitor.

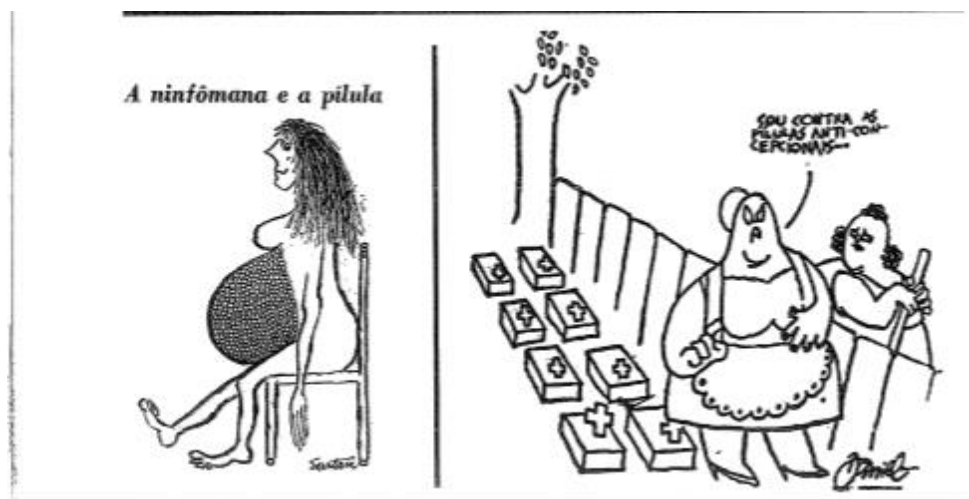
Em edições do semanário estão presentes e são colocadas pelo livro de seleções feitas por Sérgio Augusto e Jaguar. Uma é de Chico Buarque de Hollanda, chamada **Eu, jornalista**, na publicação de número seis. Como correspondente do jornal, Chico fala sobre a sua visão do Brasil na ditadura e do tabloide como uma opção para um lugar de expressão e crítica. Além de também perguntar sobre os outros artistas, como Tom Jobim e Caetano Veloso.

Por falar em comida brasileira, e para terminar, quero agradecer à alma bondosa e anônima que deixou linguiça na porta de casa. Era só que faltava. Enfim tenho a matéria-prima para organizar a maior feijoada de Roma, assim que as fraldas de minha filha desocuparem o caldeirão (AUGUSTO; JAGUAR, 2006, p.24).

Na edição de número sete, encontra-se também a crônica de Carlos Heitor Cony, **Edificante história de Abrão**, com temática bíblica, mas com a crítica feita à igreja. Logo abaixo tem uma charge feita por Henfil tratando sobre o uso da pílula como método anticonceptivo para as mulheres, representando uma crítica de um

assunto que em 1969 era tabu para a sociedade. Esses dois tipos de gênero opinativo se complementam por fazerem de uma forma irônica a crítica à igreja sobre a decisão de uma mulher ter filhos ou não.

FIGURA 3: Charge feita por Henfil sobre a pílula anticoncepcional.



Fonte: AUGUSTO; JAGUAR, 2006, p. 32.

Outras duas crônicas que são colocadas na edição do livro são de Millôr Fernandes. As características delas são de serem escritas sobre a conjuntura do país na década de 60, e as duas seguem a mesma temática, inclusive na ilustração para esses textos. Uma delas foi publicada na edição de número 12 e a outra, de maior quantidade de páginas, na de número 22. Quem também tem participação nesse gênero textual é Jô Soares. Publicada no exemplar de número 20.

Jô Soares traz em sua crônica um breve histórico de como surge a cama e também sobre a função principal que ela desempenhava. Em diante, ele fala as outras funções que ao longo do tempo o objeto começou a ter para o ser humano, além de ser apenas um dormitório. É trata a questão sexual e como as pessoas usam a cama nesse contexto. De uma forma literária e informativa, Jô Soares tece a crônica e apresenta fatos sobre a cama, que está inserida na cultura.

A crítica é um gênero jornalístico de opinião que faz parte do jornalismo cultural por apresentar ao público novidades do meio da arte ou também provocar um questionamento sobre algum produto cultural, fazendo a análise dele. “Historicamente, a apreciação dos produtos culturais começa na imprensa brasileira pelas áreas artísticas tradicionais: literatura, música, teatro, artes plásticas. E na medida em que os jornais e revistas, até o início deste século, destinavam-se a uma

parcela restrita da população, a crítica podia se fazer em profundidade” (MELO, 2003, p.131).

Entre as edições selecionadas do jornal **Pasquim**, são colocadas três críticas do meio artístico. A primeira é na edição de número quatro, em que Sérgio Cabral faz uma análise sociocultural do samba. Ele coloca que tinha tempos que a classe burguesa convidava as rodas de samba para as festas da família e na década de 1969 essa prática se perde e essa população se adapta com outros gêneros não tipicamente brasileiros.

Os crioulos cantavam para os grã-finos que achavam tudo muito bacana porque pegavam somente uísque e salgadinho, dinheiro não. Só numa pequena fase da vida nacional é que eles viram um pouco de dinheiro no Zicartola, em alguns shows e no teatro. E voltaram para os seus morros e para os seus subúrbios porque a grã-finada e a classe média da Zona Sul se encheram deles, uns chatos! (AUGUSTO; JAGUAR, p. 21).

O exemplar de número seis traz uma crítica sobre o Marquês de Sade, apresenta sua obra, e o autor do texto, Paulo Francis, funciona como um juiz nas indicações e colocações sobre o gosto das artes produzidas. Formato característico de críticos no jornalismo cultural. “No entanto, é importante lembrar que, além de mediador entre público e arte, o jornalismo cultural é um fortíssimo mediador entre público e indústria cultural, sendo, em graus variados, pautado pela indústria” (BALLERINI, 2015, p. 49).

Otto Maria Carpeaux escreve o texto **Os amores de Picasso e os Milhões do Sr. Kahn**, que também pode ser considerado uma crítica. Nesse, o autor coloca a visão sobre as obras de artes produzidas por Picasso e o que acha de mais relevante nas pinturas feitas, as primeiras musas do pintor e como ele as pintava no final das edições em figuras geométricas. Como função de crítico, Carpeaux apresenta o produto cultural e isso faz parte de escrever para o segmento do jornalismo que é o cultural.

No **Pasquim**, em cada edição selecionada de 1969, aparecem as tiras e charges que, são feitas, na maioria, por Jaguar e por Henfil. A charge não é considerada um gênero do jornalismo cultural, mas é do jornalismo opinativo. “Sua validade humorística advém do real, da apreensão de facetas ou de instantes que traduzem o ritmo de vida da sociedade, que flagram as expressões hilariantes do cotidiano” (MELO, 2003, p.168). O tabloide tinha essa visão de um jornalismo para ironizar os momentos que a sociedade vivia. “O modelo do Pasquim constitui uma

síntese do jornalismo caricato: o traço e o texto, lado a lado, ironizam o cotidiano, satirizam os protagonistas da notícia, registram com humor a emergência de um novo projeto de sociedade” (MELO, 2003, p.171).

Nessa linha, Henfil e Jaguar escreveram e desenharam para o semanário histórias em quadrinhos contendo críticas ao cotidiano. A diferença é que Jaguar tinha o uso do rato *Sig* como o personagem principal dessas histórias, mostradas nas edições de número 11 e a de número 22, sendo que Henfil faz tiras e Jaguar tiras e charges. No meio das ilustrações, Ziraldo também participava. Logo no final do artigo sobre o uso dos palavrões são publicadas algumas situações da utilização dessa linguagem.

Além dos textos que se encaixam nos gêneros do jornalismo opinativo, dois dos exemplares selecionados trazem poemas sendo eles publicados na edição de número três e outro na de número quatro. Eles têm um padrão parecido no quesito publicação, que tem o texto e logo depois vem uma ilustração feita por Fortuna (no de Ferreira Gullar) e outra de Henfil (no escrito por Reynaldo Jardim). Faz parte da cultura brasileira por se tratar de literatura, mas não se encaixa no padrão específico para ser jornalismo cultural. O poema é cultural, mas não é jornalismo.

A forma do Pasquim de fazer jornalismo, na sua escrita, é para fazer pensar e questionar os atos da sociedade da década de 60, na qual foram questionados tabus e os criadores do jornal ‘alfinetavam’ sobre como o governo e as pessoas se comportavam, principalmente os padrões que seguiam, mas sempre colocando de um jeito bem-humorado coisas do cotidiano. A primeira capa do tabloide mostra esse ideal que os fundadores pretendiam seguir.

FIGURA 4: Capa da primeira edição de 1969 do Pasquim – Aos amigos, tudo; aos inimigos, justiça.



Fonte: AUGUSTO; JAGUAR, 2006, p. 6.

A primeira capa em 1969 traz os elementos que se propõe a ser vinculado em outros exemplares. Os tipos de escritos colocados são a entrevista, os comentários do rato Sig e charge, mostrando assim o que o tabloide tinha como objetivo. Além disso, esse objetivo é colocado na frase que está na capa. O jornal teve a sua primeira publicação um formato para ironizar e criticar tudo o que o governo ditatorial impunha.

Os discursos de jornalistas publicados em edições d'O **Pasquim** entre os anos 69 e 70, via formações imaginárias, levam-nos a um contato com a realidade histórica e ideológica de práticas sociais que atravessam e constituem tal realidade, ou seja, num regime totalitário, no qual o humor é considerado "fora da lei". O Pasquim (des) constrói a imagem do discurso jornalístico como um discurso que se supõe isento/neutro de julgamentos e subjetivações (DAGNEZE; SCHONS, 2011, p.45).

6 CONCLUSÃO

A pesquisa teve a proposta de fazer um estudo sobre a existência de jornalismo cultural no **Pasquim**, sendo analisados os exemplares selecionados por Sérgio Augusto de Jaguar do ano de 1969. Os objetivos foram alcançados com a revisão de literatura, e, em seguida, com a análise propriamente dita, que ganhou consistência a partir da aplicação dos fundamentos teóricos conforme o tema.

Ao longo da pesquisa e estudando sobre os conceitos do jornalismo cultural e as formas que fazem parte desse segmento, dos 59 textos analisados, constatou-se que 45 textos não fazem parte de produção jornalística cultural e apenas 14 fazem. O jornal **Pasquim**, apesar de trazer nas publicações aspectos culturais, não faz parte do que se considera de produção do jornalismo cultural. O conteúdo é voltado para críticas socioculturais e assim utilizando desse recurso para ser publicado sem censura.

Verificou-se que, das publicações de 1969, do nº 1 até o nº 25, os textos vinculados têm como a temática os tabus que aconteciam no momento e com uma proposta de fazer um jornalismo diferente para poder ironizar o que o governo da ditadura impunha e censurava. Usando dos elementos de produtos artísticos, como falar sobre pintores, música e literatura fazendo críticas das obras, mas de uma forma irônica.

A análise do que é jornalismo cultural é crucial para compreender o que faz parte dessa produção jornalística, considerado atualmente como um segmento que apenas é pautado em lançamentos de produtos de massa, além da cobertura de eventos. E é através dele que se pode classificar os textos escritos no **Pasquim** e entender que brinca com os momentos da cultura para informar os leitores.

Os fundadores trabalhavam muito em cima do que poderia burlar a censura. Eles se utilizam de comentários irônicos do rato *Sig* para tirar do texto o que seria dito de crítica para que a culpa fosse desse personagem.

Ao observar o que foi discutido ao longo desta pesquisa, pode-se afirmar que o jornalismo cultural tem como objetivo informar sobre os produtos artísticos, como por exemplo, literatura, teatro, música e os outros. E os gêneros textuais publicados no semanário fazem parte do jornalismo e tratar de cultura, não necessariamente o conteúdo, faz parte do jornalismo cultural.

Enfim, esse estudo é um olhar sobre o que faz parte da prática do jornalismo cultural e se havia isso no momento da ditadura no Brasil, através do jornal que revolucionou e enganou a censura que havia no restante dos veículos de comunicação. Portanto, não estão tão presentes no tabloide por terem nos textos um peso maior de conteúdo social e político, mas utilizando de formas culturais para a produção dos temas, mesmo assim não pertencendo ao jornalismo cultural.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Sérgio; Jaguar. **O Pasquim**: Antologia Volume I - O melhor do Pasquim/organização. Rio de Janeiro: Ed. Desiderata,2006.

BALLERINI, Frantjesco.**Jornalismo Cultural no Século 21**. São Paulo: Summus,2015.

BASSO, Eliane Fátima Corti. **Jornalismo Cultural: uma análise sobre o campo**. Online. 2006. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em:<http://www.portcom.intercom.org.br/99945753851980735137884571481134101142.pdf>. Acesso em: 25 set. 2019.

BASSO, Eliane Fátima Corti. **Para entender o jornalismo cultural**. Online.2008. Comunicação & Inovação Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/702/549. Acesso em: 25 set. 2019.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Online.1995. Disponível em: <file:///D:/ler%20para%20o%20tcc-%20parte%20da%20história%20do%20jornalismo%20cultural/Walter-Benjamin.pdf>. Acesso em: 29 out. 2019.

CARDOSO, Everton Terres. **Crítica de um enunciador ausente: a configuração da opinião no jornalismo cultural**. Em *Questão*, vol. 13, núm. 2, 2007, pp. 299-314 Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre. Disponível em: www.redalyc.org/articulo.oa?id=465645957009. Acesso em: 28 ago. 2019.

CERIGATTO, Mariana Pícaro. **O papel do jornalismo popular e a relação com a cultura popular**. Online. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304429522_O_Papel_do_Jornalismo_Cultural_e_a_relacao_com_a_Cultura_Popular. Acesso em: 21 ago. 2019.

DAMATTA, Roberto. **Explorações: Ensaios de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

LOPEZ, Debora; FREIRE, Marcelo. **O jornalismo cultural além da crítica: um estudo das reportagens na revista Raiz**. Universidade de Ouro Preto, 2004b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267966803_O_jornalismo_cultural_alem_da_critica_um_estudo_das_reportagens_na_revista_Raiz?enrichId=rgreq-04fd2b09bb42faa005fd5df35ef9814c-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzI2Nzk2NjgwMztBUzo0MzAyOTQwNzY1MzA2ODhAMTQ3OTYwMTUxMDM5OQ%3D%3D&el=1_x_2&_esc=publicationCoverPdf Acesso em: 28 ago. 2019

MATTELART, Armand; Michèle. **História das teorias da comunicação**. Tradução, Luiz Paulo Rouanet.12. ed. São Paulo: 2009.

MELO, Isabelle Anchieta. **Jornalismo cultural: por uma formação que produza o**

encontro da clareza do jornalismo com a densidade e a complexidade da cultura. 2007. http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1006. Acesso em: 21 ago. 2019.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro.** 3.ed. Campos do Jordão, São Paulo: Editora Mantiqueira de Ciência e Arte Ltda, 2003.

MORAES, Dênis de. **Humor de combate: Henfil e os 30 anos do Pasquim.** 1999. Online. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/244>. Acesso em: 28 ago. 2019.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural.** São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção Comunicação).

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. **O Pasquim: Um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação (1969-1991).** Uberlândia, 2014. Online. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/historiadamidia/article/view/19137>. Acesso em: 22 ago. 2019.

QUINTES et al. **AI-5: 10 anos de arbítrio, censura e tortura.** 2001. In Comun – Revista de Pesquisa em Comunicação na Graduação da Universidade Católica de Santos. Editora Universitária Leopoldianum, 1997.

REGÔ, Ana Regina; CAMPOS, Fabrício. **Eu quero é mocotó: Uma análise do jornalismo cultural no semanário carioca O Pasquim.** 2016- Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2016. Disponível em: http://www.seer.ufal.br/index.php/historiada_midia/article/view/3294. Acesso em: 19 de mar. 2019. 15p.

ROSSETTI, Micaela Lüdke. **O jornalismo cultural brasileiro na história: reconstruções e interpretações.** Porto Alegre, 2015. Online. Disponível em: www.ufrgs.br/alcar2015. Acesso em: 21 ago. 2019.

SCHONS, Carme; DAGNEZE, Cinara Sabin. **Trapaceando a língua no governo Médici: Um estudo sobre o imaginário de língua pelo jornal O Pasquim.** Tubarão, 2011. Online. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1518-76322011000100003>. Acesso em: 28 ago. 2019.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

VAUCHER, Thiago Araujo. **O Pasquim: Alternativo e Corajoso.** Passo Fundo, 2014. Online. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/4378>. Acesso em: 04 set. 2019.

